

DISCURSIVIDADE MORALISTA NO BRASIL E O NU ARTÍSTICO NO MUSEU DE ARTE MODERNA EM SÃO PAULO: UM ACONTECIMENTO ENUNCIATIVO OU UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO?

Valdivina Telia Rosa de Melian¹

Andréia Nascimento Carmo²

Propomo-nos neste trabalho, pensar a discursividade moralista brasileira, a partir da perspectiva teórica da Análise de Discurso (AD) pêcheutiana. Nessa análise, procuramos compreender se a performance de nu artístico apresentada no 35º Panorama de Arte Brasileira em 2017, pelo artista Wagner Schwartz, constitui-se como um acontecimento discursivo ou um acontecimento enunciativo nos moldes de Pêcheux em *O discurso: estrutura ou acontecimento* (2015 [1983]). De nossa perspectiva teórica, o acontecimento discursivo rompe com o que já está estabelecido, enquanto em um acontecimento enunciativo o sujeito apenas se inscreve em outra posição, mantendo-se filiado à mesma formação discursiva (FD). Nesse sentido, visamos analisar a tensão entre a descrição da mídia e a interpretação da sociedade sobre o fato ocorrido no MAM, a fim de refletirmos se houve uma interrupção na formação discursiva (FD) moralista brasileira, ou se a mesma permaneceu estabilizada.

Partindo do princípio que a AD possui viés histórico-social, o que nos interessa é tomar o acontecimento enquanto fato histórico resultante de uma ou mais interpretações advindas de outras construções discursivas geradas por discursividades anteriores. Nesse sentido, a apresentação de nu artístico em menção é tomada como um acontecimento histórico. O que procuramos entender é se ele se constitui com um acontecimento discursivo ou enunciativo.

Após a Idade Média, uma ciência positiva separada de valores religiosos e morais, permitiu que o corpo fosse manipulado, tomado como objeto de estudo de algumas ciências, sobretudo a medicina. De acordo com Foucault (1987), o capitalismo trouxe uma nova forma de lidar com o corpo, agora obtido como um objeto científico que, no entanto, deveria ter a sexualidade controlada através da repressão e da punição. No século XX, após as descobertas de Freud sobre sexualidade, surge espaço para a liberdade ao prazer, a busca por um corpo perfeito.

De acordo com Mauss (1974), o corpo é um instrumento do homem, é objeto técnico. Há um conjunto de atitudes que são permitidas, naturais ou não. De um lado os atos morais de outro, o lado da técnica. Há toda uma educação do indivíduo pela sociedade e o lugar que ele ocupa nela. “É graças à sociedade que há uma intervenção da consciência. Não é graças à consciência que há uma intervenção da sociedade” (MAUSS, 1974, p. 421).

¹ Doutoranda em Letras pelo PPGL UFT/ Bolsista CAPES. E-mail: teliarosa@hotmail.com.

² Doutoranda em Letras pelo PPGL UFT/ Professora na Seduc/TO. E-mail: dreiancn@gmail.com.

Concordando com Maria Cristina Leandro Ferreira (2013, p. 105), reiteramos que para a Análise de Discurso, “o corpo entra estreitamente relacionado a novas formas de assujeitamento e, portanto, associado à noção de ideologia. (...) Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível, e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível”.

Uma série de discussões sobre o conceito de arte e seu ensino e a liberdade de expressão de maneiras variadas fluíram a partir do fato ocorrido no MAM. Acreditamos que a discursividade machista, muito forte no Brasil, contribuiu para a construção de uma interpretação negativa sobre a arte representada na performance de nu artístico. Para efeito de análise, devido à sua repercussão na mídia, recortamos o posicionamento do Movimento Brasil Livre (MBL) e do – na época – deputado Jair Bolsonaro: “Já estão utilizando eventos de cunho cultural para erotizarem crianças, o próximo passo será qual? Criarão políticas públicas para induzirem a erotização infantil também?” (MBL); “– Cenas que revoltam...uma criança é estimulada a tocar um homem nu “em nome da cultura.” / – coloquei a tarja no vídeo em respeito a vocês. / - CANALHAS, MIL VEZES CANALHAS” (Bolsonaro).

As discursividades apresentadas acima apontam para um discurso baseado em uma visão moralista depreciativa. Essa interpretação suscita uma problematização em torno da temática, que sugere uma reflexão para melhor compreensão dos termos arte e cultura. Nadja Hermann (2005, p.23) afirma que “a experiência estética traz o estranho, a inovação e a pluralidade que não podem ser desconsiderados no plano da interpretação e problematização do agir moral”. A arte provoca reflexões, interpela o sujeito ético.

Para Lacan (2008, p.158) a arte, de certo modo, organiza o vazio, isto é, organiza o caos interior do sujeito. O corpo como espaço de subjetividade é uma problemática que precisa ser melhor difundida. O corpo é questionado pela ciência; o corpo é objeto de venda no mercado de trabalho sexual; o corpo pode ser visto na praia em trajes menores; o corpo pode ser preparado no necrotério por profissional de qualquer sexo independentemente do sexo do corpo em óbito. De acordo com Foucault (1987), o corpo foi espaço para o suplício, o castigo e penalidades, devido a crimes cometidos pelo condenado. Enfim, o corpo é um espaço subjetivo complexo.

Em entrevista à rede de TV aberta, Leandro Karnal mencionou que a arte sempre envolveu o nu, que no Museu havia aviso de apresentação com o nu artístico e indicação de classificação. Segundo ele, o alvoroço causado pela mídia, parte de interesses políticos para se autopromoverem. “O problema do Brasil é a corrupção”. “A arte não deve ser controlada, pois isso é controlar o pensamento”. Sobre o fato em pauta Mario Sérgio Cortella, também concorda que arte deve ser livre. De acordo com o professor, “a formação discursiva vai determinar a forma de lidar da pessoa, portanto, não há como fazer um juízo de valor sobre a atitude da mãe que levou a menina e a deixou tocar no artista nu”, na verdade tinha mesmo era “gente política tirando proveito da situação”.

Observe-se que a linguagem imagética ou verbal, é instrumento para a construção de novos espaços. Portanto, é muito importante observar as discursividades presentes nas diversas manifestações

de linguagem. Por exemplo, a discursividade moralista em nome da família e dos bons costumes, representada na marcha para a família na década de 60, ajudou a construir um regime ditador. O que parecia ser uma ação simples e bem-intencionada escondia outra realidade. Ser conservador não configura em um problema, desde que esse ser conservador respeite o não conservador, ou seja, é necessário respeito e tolerância, e todas estas atitudes podem ser observadas através da linguagem.

A partir da análise da descrição e da interpretação do corpus estudado, entendemos que a discursividade moralista brasileira em questão está articulada com as formações ideológicas religiosas e moralistas que apresentam um discurso de cerceamento em torno das demais discursividades – consideradas não moralistas. Para Zygmunt Bauman (2000, p.56), “o objetivo não é tanto impedir o indivíduo de pensar, uma vez que isso seria impossível mesmo pelo mais fanático dos padrões, mas tornar o seu pensamento impotente, irrelevante e sem influência para o sucesso ou fracasso do poder”.

Interessa-nos dizer, que esse moralismo está sendo cada vez mais questionado por outras correntes ideológicas consideradas menos extremistas, uma vez que a sociedade que preza pela moral e os bons costumes é a mesma sociedade que fere esses princípios, caindo em uma hipocrisia. A política é sem dúvida uma manifestação inerente ao ser humano, que pode elevar, rebaixar ou coagir suas atitudes. A partir do acontecimento no MAM, compreendemos a livre expressão como um “mito” da democracia brasileira, sendo o estado de liberdade condicionado aos interesses políticos dos governantes.

Compreendemos que a discursividade política apresenta contradições que beneficiam seus agentes de poder conforme seu desejo. Ela é capaz de criar um inimigo comum, no sentido de buscar apoio no coletivo, levando o coletivo a crer que todos estão lutando por uma causa comum, do interesse de todos; quem não estiver do mesmo lado é o inimigo, tornando-se possível encontrar segurança apenas por esse apoio político. São os agentes políticos buscando tocar na subjetividade do indivíduo, para desta forma, manipulá-lo.

São os interdiscursos moralistas do Brasil que afirmam que o corpo nu é um desacato à decência e a ordem que fazem parte do imaginário cristão do Brasil já interpelado, provocando uma reação reacionária. De acordo com Althusser (1985, p.82) “na ideologia, o que é representado não é o sistema das relações reais que governam a existência dos indivíduos, mas a relação imaginária destes indivíduos com as relações reais que vivem”. A ideologia interpela os indivíduos como sujeitos, ou seja, age no seu subjetivo, provocando outras reações.

Tendo em vista o exposto, questionamo-nos: Qual moral está sendo ofendida neste acontecimento? Se fosse uma mulher nua sendo tocada por um menino acompanhado do pai, teríamos a mesma repercussão? Se sim, de que modo essa repercussão se daria? Nesse sentido, recorreremos novamente a Pêcheux (2015 [1983], p. 27) para explicar que é a partir do “estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de respostas unívocas (é sim ou não, é x ou y, etc) e formulações irremediavelmente equívocas”. Conforme elucidado por Pêcheux, essa discursividade estável explica os acontecimentos independentes dos enunciados.

Assim sendo, findamos essa discussão compreendendo que o ocorrido no MAM não rompe com o que já está posto. Trata-se de um acontecimento enunciativo, uma vez que, o sujeito cidadão brasileiro, mantém sua discursividade pautada por uma formação discursiva moralista religiosa, embora ele possa lidar com a ideologia de outro modo, posicionando-se de maneira diferente ou não, a partir deste acontecimento, a depender do modo como foi interpretado por este sujeito, considerando a forma como foi descrito pela mídia.

Hoje, o fato de um homem nu estar exposto em um lugar público e ser tocado por uma criança não implica necessariamente, para determinados grupos de pessoas, que seja um atentado ao pudor, como certamente, sobretudo, ao se tratar de uma criança do sexo feminino, significaria durante o final da Idade Média, período em que nasce o sentimento de infância, e, conseqüentemente uma maior preocupação com as crianças, no seio de uma família que passa de comunitária para individualizada.

Torna-se válido mencionar que não é o museu que vai cercear o acesso das pessoas, uma vez que, o museu é um espaço público e sua política é exatamente a liberdade de expressão. Para isso existe legislação, como por exemplo, ECA, (estatuto da criança e adolescente). De acordo com Noronha e Almeida o perigo de que as crianças sejam molestadas por pedófilos é mais comum do que se possa imaginar. As autoras informam que o agressor está sempre mais perto e vivendo em meio à sociedade e até mesmo dentro da própria casa familiar, e também por meio do acesso à internet.

Especialistas no combate à pedofilia afirmam que os agressores estão sempre presentes nas ruas, praças, parques, escolas e também na internet, mormente nas salas de bate-papo. No meio virtual, eles se fazem passar por crianças e utilizam os contatos on-line para seduzir e introduzir assuntos sexuais a fim de despertar curiosidade infantil. Por conseguinte, as crianças estão a um “clique dos pedófilos” (NORONHA; ALMEIDA, 2010, p.108).

Como demonstrado, o que se pode perceber é a criação de um monstro, um inimigo da “moral e dos bons costumes”, tanto pela mídia como por alguns políticos no sentido de focar a atenção para o MAM, como se esse espaço configurasse um local para a atuação de atitudes imorais e antiéticas. A linguagem precisa ser analisada. É necessário entender a discursividade, por exemplo, quando alguém menciona “sou politicamente correto” – está revelando que é a favor da censura. Rancière (1996, p. 60), menciona que “certamente, toda interlocução supõe uma compreensão de um conteúdo da ilocução”. Nesse sentido, analisar a discursividade sobre a performance de nu artístico no MAM, é importante, para evitar qualquer tipo de controle totalitário e autoritário, contra a liberdade de expressão.

Em tempo, é relevante registrar que pedofilia, ou qualquer abuso e desrespeito contra a criança ou incapaz é configurado crime, e que, portanto, toda pessoa precisa se posicionar contra tal atitude agressora, utilizando a linguagem, a arte e o conhecimento como arma. Desse acontecimento que também se constitui histórico, sendo resultado de uma interpretação, formularam-se equívocos para muitos interlocutores, uma vez que gerou uma série de mal-entendidos, provocados pela censura. A censura sempre existiu no meio artístico. A transparência da linguagem é necessariamente ilusória, pois apenas assim há efeitos de sentidos nas diversas situações de comunicação.

REFERÊNCIAS

- ALTUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. São Paulo: Editorial Presença e Martins Fontes, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- CORTELLA, Mario Sergio. *A exposição do MAM*. Disponível em: <https://www.facebook.com/saberfilosoficooficial/videos/1445896015539061/?v=1445896015539061>. Acesso em: 28/12/2019.
- FERRERIA, Maria Cristiana Leandro. O corpo enquanto objeto discursivo. In: *Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. PETRI, Verli. DIAS, Cristiane (org.). Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HERMANN, Nadja. *Ética e estética: a relação quase esquecida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- KARNAL, Leandro. *Altas Horas*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kfXb_X4oERI. Acesso em: 28 dez. 2019.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.
- MAUSS, Marcel. *As técnicas corporais*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- NORONHA, Ceci Vilar; ALMEIDA, Andrija. Pedofilia e mídia: representações sobre violência sexual contra crianças e adolescentes. *Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas*, v. 12-13, n. 22-23, p. 101-121, jul./dez. 2009-jan./jun. 2010.
- PÊCHEX, Michel. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.